

Coluna do Castello

Parece o fim mas é apenas o começo

Nem o mundo nem a campanha eleitoral vão se acabar com a publicação das últimas pesquisas eleitorais. Pelo contrário, a campanha apenas está começando, mas a colheita das preferências populares nessa arrancada de um movimento cívico representa advertência bastante clara sobre a maneira como brasileiras e brasileiros encaram os que se propõem a continuar a governar o país ou a iniciar um novo tipo de governo. A coincidência dos dados fornecidos por três agências distintas, o Ibope, a Data-Folha e a Vox Populi, torna irrelevantes as impugnações aos métodos, quando nada porque abordagens supostamente diversas levaram a resultados quase idênticos. Não se deve presumir igualmente que por cinco meses a opinião pública não fará evoluções nem os termômetros deixarão de registrar oscilações de temperatura inevitáveis num período bastante longo para que se presuma no seu curso congelamento das tendências da população.



Os candidatos tradicionais, Ulysses, Brizola e Lula, já se aperceberam da gravidade do problema mas não tomaram como definitivos, nem poderiam fazê-lo, números que são apenas uma indicação num início de campanha. Todos eles já conheceram na própria carne os efeitos da volubilidade da opinião pública motivada por emoções e idéias nem sempre previamente detectadas ou detectáveis. Brizola partiu de pouco mais de zero para uma vitória na disputa do governo do Rio, Lula viu Erundina emergir do limbo para a esplêndida conquista da prefeitura de São Paulo, e Ulysses viveu aflições e glórias e começa a viver o martírio do PMDB nas diversas fases da sua história eleitoral.

Brizola, que preserva suas bases principais, Rio e Rio Grande do Sul, estuda abordagem do difícil São Paulo e preocupa-se em derrubar o novo ídolo, contra o qual foram lançados até aqui apenas alguns tiros de festim. Lula simplesmente diz que não acredita. E Ulysses, autoconfiante mas prevenido, quer trabalhar na base da sua velha idéia da frente, reunindo forças diversas para um objetivo que lhes seja comum. Por isso mesmo, enquanto pede ao governador Orestes Quércia que mobilize e inflame as bases eleitorais de São Paulo, as quais poderiam mudar o perfil da campanha, dispara negociadores rumo ao PSDB e ao PTB, não só por pensar em afinidades como por achar que ambos poderão ser sensíveis ao pensamento realista da eliminação de candidaturas

para fusão das correntes em favor da que ofereça melhores condições de luta, no caso, o PMDB.

Brizola e Lula são propostas irredutíveis, como sabe Ulysses, e por isso mesmo não devem ser convocados a uma colação. Mas imagina ele que o PTB, dirigido pelo ex-ministro de Tancredo-Sarney e hoje senador Affonso Camargo, egresso dos seus quadros, pode encontrar sua viabilidade pós-eleitoral numa aliança com o PMDB, a qual pelo menos o preservaria dos embates do brizolismo. Embora forjado com remanescentes do trabalhismo getuliano manipulados através de Ivete Vargas pelo competente general Golbery do Couto e Silva, o PTB preserva, na pessoa dos ex-cassados que o fundaram e o dirigem, a identidade que fez com que durante tempo se acolhessem seus membros à sombra do MDB e do PMDB. O partido de Ulysses não anda atrás de tempo para engordar sua presença na televisão. Ele quer apenas apoio político e incentivo eleitoral.

O PSDB de Covas, se voltasse à frente que repudiou há pouco mais de um ano, poderia dar contribuição efetiva à candidatura pemedebista. O Partido de professores progressistas tem tido dificuldades em fugir ao próprio elitismo embora escudado na candidatura de um dos homens públicos de melhor conceito da sua geração. O senador promete um discurso para breve no Senado explicitando propostas da moderna social-democracia, pelo qual abria portas à cooperação do capital estrangeiro numa abertura que o situa à distância do discurso atual de Ulysses Guimarães, que parece ter caído na gaiola dos ultranacionalistas. Na linha do discurso socialista da Europa, Covas suplantaria propostas sectárias do PMDB, do PDT e do PT e se situaria numa vertente promissora. Aliado ao projeto de José Serra, relativo à fixação de diretrizes orçamentárias eficazes, a proposta do PSDB poderia ter dimensão inesperada.

Mas Ulysses é articulador abrangente, obsessivo e incansável. Ele não desanima e a saúde ajudando — e o tem ajudado nesse campeonato de aflições a que seus governadores o vêm submetendo — poderá melhorar bem suas perspectivas.

O diálogo dos presidentes: Collor

Márcio Moreira Alves, recebido por Sarney, ouviu do presidente que considera excelente a iniciativa de reunir para um debate na televisão seis presidentes da América Latina — Menem, Perez, Fidel, Salinas, Borja e o do Brasil — mas sua participação, a esta altura, não teria mais sentido, pois o que dissesse não comprometeria o governo brasileiro. Sugeriu o convite ao futuro Presidente. Márcio saiu do Planalto para o encontro com Fernando Collor, a quem procurou convencer a participar do debate.

Carlos Castello Branco